

ABC do Japão

Stela Barbieri

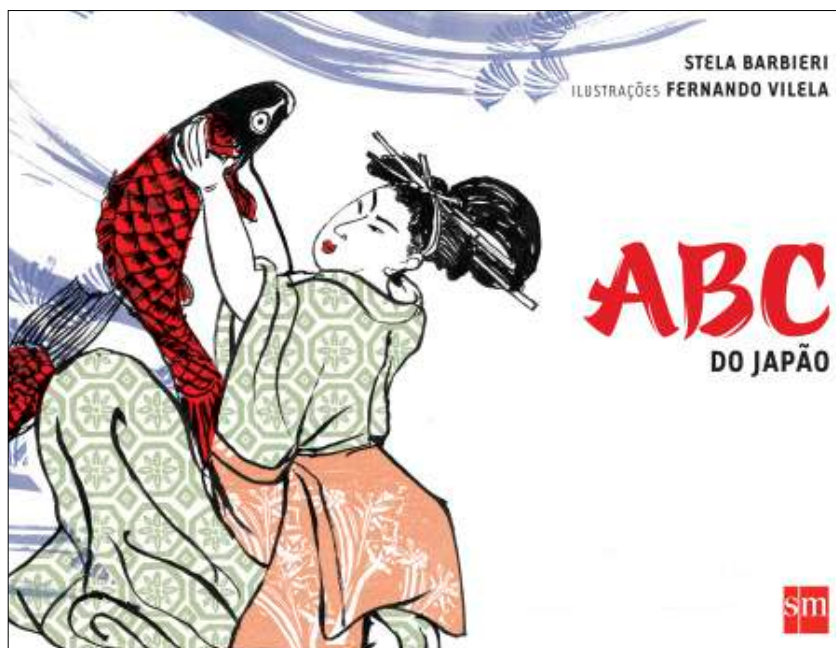
Temas Cultura japonesa (costumes, artes, história, religião);

Diversidade cultural; Imigração

Ilustrações Fernando Vilela



GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



48 páginas

A AUTORA Stela Barbieri é educadora, artista plástica e contadora de histórias. Realiza apresentações de contos da tradição oral e expõe seus trabalhos como artista plástica em museus e centros culturais no Brasil e no exterior. Stela também escreve para crianças e jovens. Com seus livros *Bumba-meu-boi* (2007) e *A menina do fio* (2006) recebeu o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

O ILUSTRADOR Fernando Vilela costuma misturar diversas técnicas para criar suas premiadas ilustrações. Em 2006, publicou *Lampião e Lancelote*, que mereceu, entre outros prêmios, o Jabuti de melhor livro infantil e o de melhor ilustração infanto-juvenil.

A HISTÓRIA DO LIVRO

RELEVÂNCIA DO TEMA E ORGANIZAÇÃO DOS VERBETES

A profunda amizade entre japoneses e brasileiros completou 100 anos em 2008. Desde a chegada dos primeiros imigrantes nipônicos ao porto de Santos, a influência e a admiração recíprocas só têm aumentado. Tanto, que é no Brasil onde vive a maior comunidade japonesa fora do Japão: são cerca de 1,5 milhão de imigrantes e descendentes japoneses.

O *ABC do Japão* reúne informações sobre o modo de vida e manifestações artísticas, culturais e religiosas do país do Sol Nascente que, cada vez mais, exerce influência e fascínio sobre a cultura ocidental. Organizados em ordem alfabética, os verbetes são ilustrados pelo premiado artista plástico Fernando Vilela, que buscou inspiração nas gravuras tradicionais japonesas.

Neste guia, o professor encontrará dados sobre a geografia e a história do Japão e a imigração japonesa no Brasil, que o ajudarão a contextualizar e ampliar o conteúdo do livro. Também apresentamos alguns outros aspectos da cultura japonesa, complementares aos tratados na obra.

Por fim, sugerimos uma série de atividades que podem ser realizadas em sala de aula, além de indicações de filmes, livros e *sites*, com opções para diversas faixas etárias.

HISTÓRIA DO JAPÃO

SÍNTESE GEOGRÁFICA

Localizado no extremo leste da Ásia, o Japão é composto por quatro ilhas principais e milhares de ilhas menores, totalizando uma área de 372.819 km², pouco maior que a do estado de Mato Grosso do Sul. Seu relevo é, em grande parte, montanhoso, o que dificulta a produção agrícola.

A população do Japão é de 128,2 milhões de habitantes e a maior parte dela vive na capital do país, Tóquio. O budismo é a principal religião, praticada por 55,3% da população.

O nome do país em japonês é *Nihon* ou *Nippon*, expressão que pode ser traduzida como “terra do Sol Nascente” ou, literalmente, “origem do Sol”. Essa forte ligação com o Sol (leia o texto “O divino por toda parte”, na página 9 deste guia) é expressa na própria bandeira japonesa, que apresenta um círculo vermelho sobre fundo branco.

FATOS HISTÓRICOS

Os mais antigos habitantes do Japão foram caçadores do tempo da pedra lascada, há cerca de 30 mil anos. Até o século III, aproximadamente, o país era dividido entre diversos clãs independentes, mas essa situação mudou com a fundação da corte imperial pela família Yamato, que unificou o Japão no século IV.

A partir do século XII, o poder passou a ser exercido pelo líder supremo da aristocracia militar, o xogum (ver página 43).

Os portugueses foram os primeiros ocidentais a estabelecer comércio com o arquipélago e, em 1543, introduziram as armas de fogo no Japão. Nessa época, sucediam-se sangrentas guerras civis entre líderes feudais, que disputavam o cargo de xogum.



Esses conflitos tiveram fim no início do século XVII, com a vitória da família Tokugawa.

Em 1639, o xogunato banuiu o cristianismo e os estrangeiros. Também proibiu a entrada e a saída de pessoas. Esse isolamento durou até 1853, quando uma esquadra de guerra dos Estados Unidos obrigou o Japão a abrir seus portos e assinar acordos comerciais. Os feudos e o regime do xogunato tiveram fim nos 15 anos seguintes.

Em 1868, Meiji Tenno tornou-se imperador, dando início ao período conhecido por Era Meiji, de intensa modernização do Japão. O país se industrializou rapidamente, ao mesmo tempo que combatia e dominava chineses, coreanos e russos em uma série de conflitos armados. Sua expansão imperialista acabou quando, juntamente com a Alemanha e Itália, foi derrotado na Segunda Guerra Mundial. A rendição ocorreu em 1945, depois de as cidades de Hiroshima e Nagasaki terem sido arrasadas por bombas atômicas.

A reconstrução do Japão no pós-Guerra foi tão rápida que ficou conhecida como “milagre japonês”. Nos anos 1960, o país já era considerado um centro de alta tecnologia e, em 1975, tornou-se o maior exportador de carros do mundo.

JAPONESES NO BRASIL

Até o início da Era Meiji, a emigração japonesa era proibida. Só em 1885, pressionado pelo crescimento populacional e pela falta de emprego, o governo japonês assinou os primeiros acordos migratórios.

O destino inicial era o Havaí e a América do Norte, até que, em 1908, trabalhadores norte-americanos e japoneses entraram em conflito, ocasionando restrição à migração nipônica. No mesmo ano, o navio Kasato Maru chegava ao porto de Santos, trazendo os primeiros 781 imigrantes japoneses para o Brasil, atraídos pelas promessas de ganho fácil. Inicialmente, foram trabalhar nas lavouras de café, mas logo abandonaram os improdutivos cafezais, onde sofriam com as péssimas condições de vida. Nas décadas seguintes, se organizaram em bem-sucedidas colônias agrícolas, principalmente nos estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul, e em bairros urbanos, como a Liberdade, na capital paulista.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Estado Novo, de Getúlio Vargas, restringiu a entrada de japoneses e limitou a liberdade dos nipo-brasileiros, cerca de 205 mil naquela época. A imigração só



seria retomada nos anos 1950, ao mesmo tempo que investimentos japoneses eram feitos na indústria brasileira.

Na década de 1980, enquanto o Japão se consolidava como uma das maiores economias mundiais, o Brasil passava por uma recessão brutal. Foi nesse período que surgiu o movimento dos *dekasseguis*, nipo-brasileiros que vão ao Japão em busca de trabalho.

LÍNGUA & POESIA

MILHARES DE COMBINAÇÕES

O maior desafio para quem quer aprender a língua japonesa é dominar sua escrita. Para começar, a leitura é feita da direita para a esquerda e, tradicionalmente, as frases são dispostas na vertical.

Mas essa é a parte mais fácil. Como está no livro, a língua japonesa possui três sistemas de escrita. Dois deles, o *hiraganá* e o *katakaná*, são baseados em fonemas (sons), mas seus caracteres representam sílabas completas, como “na”, “pa”, “sa”, “ka”... Os únicos caracteres que correspondem a sons isolados são os das vogais, só que a ordem não é, como a ocidental, alfabética: “a”, “e”, “i”, “o”, “u”, mas “a”, “i”, “u”, “e”, “o”.

A diferença entre o *hiraganá* e o *katakaná* está em seu emprego e no desenho de seus caracteres. O *hiraganá* é usado para escrever palavras de origem japonesa e pode completar alguns ideogramas (compondo terminações verbais, por exemplo). O *katakaná* serve para escrever palavras estrangeiras. Seus traços são mais simples, com linhas mais retas. Nomes próprios ocidentais, por exemplo, são grafados nesse sistema. Outra função comum do *katakaná* é a de chamar a atenção para uma palavra; um equivalente aproximado do negrito nas línguas ocidentais.

O terceiro e mais complexo dos “alfabetos” da língua japonesa é o dos ideogramas ou *kanjis*, que possui cerca de 10 mil caracteres de origem chinesa. Em 1981, tentando simplificar a leitura e a escrita da língua, o governo japonês introduziu uma lista, chamada *joyo kanji hyo* (“kanji usado no dia-a-dia”) com os 1.945 caracteres mais comuns, além de 166 ideogramas especiais, utilizados apenas para escrever nomes próprios. Todos os documentos oficiais japoneses são escritos somente com os símbolos dessa lista.

A dificuldade maior não é memorizar todos esses ideogramas, mas saber combiná-los. Um único ideograma pode ter mais de dez sons diferentes, assim como um mesmo som pode corresponder a



diversos ideogramas, dependendo de seu significado. Além disso, o significado de um *kanji* pode mudar completamente de acordo com os demais ideogramas que o acompanham.

Por exemplo: para escrever a palavra “motorista” em japonês, são utilizados os ideogramas correspondentes a “carregar ou transportar”, “tropeçar ou cair” e “mão”. Sozinhos, esses *kanjis* têm o som de “rakô”, “korô” e “tê”, respectivamente. Só que o som da palavra “motorista” não é “rakokorotê”, mas “untenshyu”.

Outro detalhe: como os ideogramas não são representações fonéticas, mas pictóricas, não há uma ordem alfabética para eles. No dicionário, eles estão dispostos de acordo com o número de traços que os compõem.

GRANDES MESTRES DO VERSO MÍNIMO

O haikai pode ser definido como a arte de dizer o máximo com o mínimo de palavras. Além de Matsuo Bashô, três outros mestres se destacam: Buson, Issa e Shiki.

Yosa Buson (1716-1784), também conhecido como Taniguchi Buson, praticava o *haiga*, arte japonesa que combina pintura e poesia. Seus versos eram bem variados e, ao contrário dos haicais tradicionais, muitas vezes falavam de sensações e sentimentos humanos.

Adepto fervoroso de uma linha budista chamada Terra Pura, Kobayashi Issa (1763-1828) peregrinou por todo o Japão e escreveu sobre temas ligados à sua crença, como reencarnação, compaixão e celebração das coisas simples.

O nome “haikai” foi cunhado por Massaoka Shiki (1867-1902), que defendia a modernização da poesia japonesa. O termo criado por ele foi também aplicado ao trabalho de seus antecessores, como Bashô, Buson e Issa. No século XIX, o haikai era tido como uma forma poética inadequada para expressar o mundo moderno da época, mas Shiki ajudou a mudar essa mentalidade.

Não há consenso entre os estudiosos sobre quem foi o primeiro brasileiro a escrever haicais. Mas acredita-se que Afrânio Peixoto (1876-1947) tenha usado pioneiramente essa forma fixa no livro *Trovas populares brasileiras*, de 1919, no qual compara trovas a haicais, citando Bashô e outros mestres japoneses.

O poeta Guilherme de Almeida (1890-1960) ajudou a popularizar o estilo em nosso país, criando regras métricas que são muito usadas até hoje. Entre os autores brasileiros contemporâneos, destacam-se as produções do curitibano Paulo Leminski (1944-1989) e do carioca Millôr Fernandes (1923-).

DAS PLANTAS AO PAPEL

FILOSOFIA DAS FLORES

Não é apenas nos jardins que as flores japonesas falam uma língua própria. A maneira de fazer arranjos com elas também é bem diferente da ocidental: predominam folhas e galhos. O *ikebana*, arte de compor arranjos florais, é uma manifestação artística praticada há mais de 600 anos.

Sua origem é incerta. Há quem diga que os japoneses tinham o costume de usar folhas, galhos e flores para invocar deuses da natureza. Outra versão defende que a arte se desenvolveu com a introdução do budismo no país: os arranjos seriam um ritual religioso para homenagear os mortos.

De qualquer maneira, a prática virou uma arte independente de seus fundamentos religiosos, ainda que os princípios filosóficos estejam presentes na forma de combinar os elementos. As composições são baseadas em três eixos principais e, dependendo do estilo ou da escola de *ikebana*, esses elementos podem simbolizar o céu, a terra, o homem, o Sol, a Lua.

LEVEZA E RESISTÊNCIA

Um dos materiais mais característicos do Japão é o papel. Sem ele, muitas das artes tradicionais japonesas, como o *origami* e o *ukiyo-ê* (ver páginas 27 e 37, respectivamente), não teriam surgido.

A técnica de fabricação de papel teria sido introduzida no Japão em 610 e, já naquela época, eram produzidos papéis extremamente sofisticados, com detalhes em metais preciosos. Ainda que esse tipo de material raramente seja utilizado hoje, os papéis artesanais japoneses (chamados genericamente de *washi*, “papel japonês ou oriental”) encantam pela beleza de suas cores, padronizações e texturas.

Tradicionalmente, o papel era fabricado nos meses de inverno, quando a água gelada estava livre das impurezas que poderiam descolorir as fibras utilizadas como matéria-prima — fibras de um arbusto chamado *kozo*, mas também as de arroz e de cânhamo.

Por causa dessas fibras, o papel japonês é muito resistente, flexível e também oferece isolamento térmico. Tais características possibilitam que ele seja empregado também na fabricação de uma casa japonesa tradicional, ao lado de materiais como terra, madeira e bambu.



ARTES CÊNICAS E MARCIAIS

DIVERSAS MANEIRAS DE REPRESENTAR

As artes cênicas tradicionais do Japão compreendem, além do *kabuki* (ver página 20), outros três grandes gêneros: o *nô*, o *kyogen* e o *bunraku*.

Criado no século XIV, o *nô* tem forte influência do budismo e do xintoísmo (veja na página 9 deste guia) e seu conteúdo costuma ser religioso. As peças são muito longas e interpretadas apenas por homens, que fazem lentos movimentos de dança e utilizam máscaras. Os atores falam e cantam sempre no mesmo tom, acompanhados por um coral e instrumentos musicais tradicionais japoneses.

As peças de *kyogen* surgiram no mesmo período e eram encenadas nos intervalos das apresentações de *nô* antes de constituírem um gênero independente. Os textos, muitas vezes, são satíricos ou falam sobre o isolamento e a solidão. Também interpretado apenas por homens, esse tipo de representação, ao contrário do *nô*, é centrado em falas e movimentos dramáticos.

O *bunraku* é um gênero teatral que utiliza grandes bonecos. Cada um deles tem cerca de um metro de altura e é manipulado por três pessoas, chamadas de titereiros. As funções dos titereiros dividem-se da seguinte forma: um move a cabeça e o braço direito; outro, o braço esquerdo; e o terceiro, as pernas. Os titereiros vestem roupas e capuzes pretos para simbolizar o invisível e dar mais destaque aos bonecos.

Esse gênero é acompanhado por tocadores de *shamisen*, instrumento tradicional japonês com três cordas, que dá ritmo à narrativa.

Os espetáculos com bonecos têm origem muito antiga, mas o *bunraku*, como ainda é apresentado hoje, surgiu em 1684. Muitas das peças foram adaptadas para o *kabuki*, que também é acompanhado por tocadores de *shamisen*.

EDUCAÇÃO PELO CORPO

As artes marciais, como o *sumô* (ver página 33), têm importante papel na cultura japonesa. Mais do que simples exercícios físicos, essas práticas são encaradas como formas de aperfeiçoamento pessoal e espiritual.

O *kendo* (“caminho da espada”) surgiu no século XVIII e é uma evolução do *kenjutsu*, conjunto de técnicas de manejo da espada



dos samurais, guerreiros do antigo Japão feudal. A filosofia do *kendo* une princípios do budismo, do xintoísmo e do confucionismo, tendo como um de seus valores mais importantes o respeito.

Originário da China, o caratê entrou no Japão pela ilha de Okinawa. A arte leva esse nome — que significa “mãos limpas ou vazias” — porque os lutadores não utilizam armas. Esforçar-se para melhorar o próprio caráter, evitar os instintos agressivos e respeitar o outro, acima de tudo, estão entre os mandamentos mais importantes do caratê.

Criado em 1882 por Jigoro Kano, o judô é uma luta de defesa, que utiliza a força do adversário em favor do próprio lutador. “Judô” pode ser traduzido como “caminho da suavidade”, e os movimentos dessa arte são menos violentos. O objetivo de Jigoro Kano era criar uma forma ideal de educação física e moral, que ensinasse a seus praticantes a utilizar melhor o corpo e a mente.

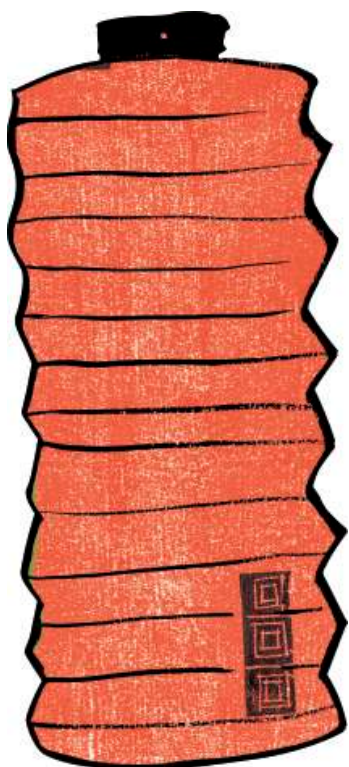
FESTAS, DEUSES E MÁQUINAS

PARA AGRADAR AOS DEUSES

O *Gion Matsuri* é uma das principais festividades do Japão. Realizado na cidade de Kyoto durante o mês de julho, ocorre perto do templo xintoísta Ysaka (também conhecido como Gion), um dos mais famosos do país. O templo é todo decorado com lanternas (página 21), que são acesas ao anoitecer. Entre as atrações do festival, comemorado desde o século IX, está um grande desfile de carros alegóricos.

Outra festa muito conhecida é o *Tanabata Matsuri*, “festival das estrelas”, que ocorre no sétimo dia do sétimo mês do ano, de acordo com o calendário lunar. Segundo uma lenda chinesa, essa é a data em que as estrelas Altair e Vega podem se encontrar no céu.

Durante esse festival, as ruas são decoradas com grandes enfeites de papel (*tanabatas*), representando as estrelas. As pessoas escrevem pedidos em pedaços de papel colorido, amarram-nos em bambus e, depois, oferecem-nos às estrelas em uma cerimônia xintoísta (ver tópico seguinte). Também faz parte dos rituais acender lanternas para serem jogadas no rio depois da festa. Essa seria uma homenagem aos ancestrais a fim de garantir uma colheita farta. O *Tanabata Matsuri* também é realizado pelos imigrantes e descendentes de japoneses em muitas cidades brasileiras, como São Paulo.



O DIVINO POR TODA PARTE

O xintoísmo é a religião tradicional do Japão e sua origem remonta ao ano 500 a.C. Seu fundador não é conhecido e também não há escrituras (como a Bíblia cristã ou o Alcorão, dos muçulmanos) que determinem suas crenças ou seus rituais, mesmo assim, a religião exerce profunda influência no modo de vida dos japoneses.

De acordo com o xintoísmo, o Japão foi o primeiro lugar a ser criado, o que explica o forte sentimento de nacionalismo espalhado por todo o país. Outra característica do povo japonês é a facilidade em absorver novas ideias e culturas sem deixar de lado as próprias tradições, o que também pode ser encarado como influência xintoísta: a prática dessa religião não é exclusivista. Um xintoísta pode, sem renegar sua religião, ser praticante do zen-budismo (ver página 47), por exemplo.

O princípio básico do xintoísmo é que a divindade pode ser encontrada por toda parte: nas montanhas, nos rios, nos animais... Isso por que tudo o que existe no mundo foi criado por poderes ou espíritos superiores (chamados de “kami”) e não há divisão entre o mundo natural, o físico e o espiritual. Tudo faz parte de uma única criação.

A principal força venerada pelos xintoístas é o Sol, representado pela deusa Amaterasu. A família imperial japonesa seria descendente direta dessa deusa. Mas, em 1946, o então imperador do Japão, Hirohito, destituiu o xintoísmo como religião oficial do país e declarou que o imperador japonês não tinha mais *status* de divindade.

A CIDADE DOS ROBÔS

Além de ser um país de tradições milenares, o Japão também é sinônimo de tecnologia. Dono da segunda maior economia do mundo, o país conseguiu se reerguer depois de ter sido devastado na Segunda Guerra Mundial (ver página 45). Entre os principais produtos exportados pelo Japão estão carros, componentes de informática e instrumentos científicos.

O trem-bala (*shinkansen*) é um dos maiores símbolos do Japão moderno. Inaugurado em 1964, esse meio de transporte pode chegar a uma velocidade de mais de 400 km/h.

A cidade de Osaka, no centro do país, vem chamando a atenção por suas inovações tecnológicas: está ficando conhecida como a capital mundial dos robôs. Nela, atuam mais de 150 empresas ligadas ao desenvolvimento de robôs, além de diversos centros de pesquisa. Em 2006, foi inaugurado na cidade um hospital especializado em cuidar de robôs com “problemas de saúde”, o Akazawa Roboclinic.



ATIVIDADES EM SALA DE AULA

1. Uma conversa descontraída com os alunos para iniciar o trabalho com o livro é útil para o professor avaliar o que os alunos já sabem sobre o Japão. Vale lembrar personagens de desenho animado e história em quadrinhos, pratos típicos, expressões mais conhecidas — como *arigatô* (“obrigado”) e *sayonará* (“adeus”, “até logo”). Caso os alunos abordem espontaneamente algum dos temas tratados no livro, a leitura da obra pode começar pelo verbete em questão.
2. Mostrar um mapa-múndi, destacando a distância entre o Japão e o Brasil e as diferenças territoriais entre os dois países é também uma boa maneira de estimular a curiosidade dos alunos. O professor pode perguntar, por exemplo, como eles imaginam a vida em um conjunto de ilhas. Mencionar a diferença de fuso horário (quando é dia no Brasil, no Japão é noite) é também uma boa oportunidade para reforçar alguns conceitos de Geografia, como divisão política, continentes, arquipélago, e o próprio fuso horário.
3. Antes de iniciar a leitura de cada verbete, explorar as ilustrações relacionadas a ele, chamando a atenção para as cores utilizadas (especialmente o predomínio de tons quentes, como o vermelho), os traços dos seres humanos e as ações que realizam, suas vestimentas. Um detalhe interessante é a percepção da utilização da técnica da xilogravura em alguns detalhes das imagens. O professor pode comentar que esse tipo de ilustração é igualmente empregado nas narrativas de cordel, típicas do Nordeste brasileiro.
4. Com base nas informações do livro e deste guia, dar uma aula especial sobre haicais, trazendo exemplos brasileiros desse tipo de composição. Depois, cada aluno pode ser convidado a escrever seu próprio haicai. A atividade pode ser desenvolvida em conjunto com o professor de artes, e os alunos podem fazer ilustrações para seus haicais, produzindo algo próximo à arte do *haiga*, que conjuga texto e imagem.
5. Caso a cidade onde more tenha uma colônia de descendentes japoneses, o professor pode programar com a classe uma visita a um centro cultural japonês para conhecer melhor a culinária e as tradições deles. Na impossibilidade da visita, o professor pode propor uma pesquisa em revistas, jornais, livros e *sites* (veja sugestões nas páginas 11 e 12 deste guia). A turma pode





ser dividida em grupos, e cada um deles pode se responsabilizar por um tema diferente (culinária, esportes, artes etc.).

- O professor pode escolher uma das indicações de filmes a seguir para exibir aos alunos. É interessante pedir a eles que registrem os traços culturais japoneses que aparecem no filme. Depois, organize uma discussão em sala de aula. A turma pode levantar aspectos culturais sobre os quais tem dúvida e gostaria de pesquisar.

PARA SABER MAIS

LIVROS INFANTIS E JUVENIS

- HIRATSUKA, Lúcia. *Contos da montanha*. São Paulo: Edições SM, 2005.
- HIRATSUKA, Lúcia. *Lin e o outro lado do bambuzal*. São Paulo: Edições SM, 2004.
- HIRATSUKA, Lúcia. *Os livros de Sayuri*. São Paulo: Edições SM, 2008.
- NAKAZAWA, Kenji. *Gen Pés Descalços: uma história de Hiroshima*. São Paulo: Conrad do Brasil, 1999. (4 v.).
- NUNES, Osvaldo Rodrigues; NUNES, Manira Mie Okimoto. *Japão*. São Paulo: Ática, 2006.
- TEZUKA, Osamu. *Buda*. São Paulo: Conrad do Brasil, 2005. (14 v.).
- WATANABE, Etsuko. *Minhas imagens do Japão*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- YAMAMOTO, Tsunetomo. *Hagakure, o livro do samurai*. São Paulo: Conrad do Brasil, 2004.

LIVROS PARA ADULTOS E PESQUISA

- GRAVETT, Paul. *Mangá: como o Japão reinventou os quadrinhos*. São Paulo: Conrad do Brasil, 2006.
- KURIBAYASHI, Tadamichi. *Cartas de Iwo Jima*. São Paulo: JBC, 2007.
- MURAKAMI, Haruki. *Kafka à beira-mar*. Rio de Janeiro: Alfabeta Brasil, 2008.
- SOSEKI, Natsume. *Eu sou um gato*. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.
- TANIZAKI, Junichiro. *As irmãs Makioka*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.



FILMES

- *A viagem de Chihiro*, animação dirigida por Hayao Miyazaki (Japão, 2001).
- *Bom-dia*, dirigido por Yasujiro Ozu (Japão, 1959).
- *Dodeskaden – o caminho da vida*, dirigido por Akira Kurosawa (Japão, 1970).
- *O castelo animado*, animação dirigida por Hayao Miyazaki (Japão, 2004).
- *Os sete samurais*, dirigido por Akira Kurosawa (Japão, 1954).
- *Rapsódia em agosto*, dirigido Akira Kurosawa (Japão, 1991).
- *Tokyo godfathers*, animação dirigida por Satoshi Kon (Japão, 2003).
- *Zatoichi*, dirigido por Takeshi Kitano (Japão, 2003).

SITES

- *Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil*. www.centenario2008.org.br
- *Cultura japonesa*. www.culturajaponesa.com.br
- *Japan Foundation São Paulo*. www.fjisp.org.br
- *Portal Japão*. www.portaljapao.org.br
- *The virtual museum of japanese arts*. <http://web-japan.org/museum>



ELABORAÇÃO DO GUIA LAVÍNIA FÁVERO (EDITORA DE LIVROS E TRADUTORA); PREPARAÇÃO PENELOPE BRITO; REVISÃO PENELOPE BRITO, CARLA MELLO MOREIRA.

